

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Memorial Virtual do CTISM: a reelaboração mnemônica através do Ciberespaço¹

Ricardo Kemmerich²

Roselene Moreira Gomes Pommer³

Universidade Federal de Santa Maria - Colégio Técnico Industrial - Santa Maria, RS

Resumo

Este artigo trata da reelaboração e da divulgação de uma parte da memória do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (CTISM), feita através de seu *Memorial Virtual*, acessível pelo site www.ctism.ufsm.br/Memorial. Com esta proposta diferenciada de lembrança, objetiva-se estender o ensino da História da Instituição para além dos limites de um espaço tradicional de memória. Para tanto, compreende-se que as memórias pessoais, ao transcenderem do domínio particular para o público, reconfiguram o ideário coletivo, investindo de nova perspectiva a análise feita sobre o processo histórico do CTISM.

Palavras-chave: Ciberespaço; Memória; Memorial virtual.

Introdução

A Revolução Técnica ocorrida nas quatro últimas décadas, ao encurtar distâncias e dinamizar contatos entre as mais diversas partes do mundo, tem contribuído para a reelaboração dos meios de troca de informações entre diversos setores sociais. Em uma de suas expressões, a de Comunicações, a facilidade de acesso e a amplitude de cobertura têm feito da Rede Mundial de Computadores uma ferramenta de interação poderosa, sendo sua popularização o fomento para um novo meio de sociabilidade – o ciberespaço que, de acordo com Lévy,

é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o

¹ Trabalho apresentado no GT3 Comunicações Científicas - Perspectivas metodológicas, do II Encontro de Educomunicação da Região Sul - Ijuí, 27 e 28 de junho de 2013.

² Acadêmico do Curso de História, Bolsista do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria / CTISM / UFSM – rikardo_kemmerich@hotmail.com

³ Doutora em História, Professora do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria / CTISM / UFSM - roselenepommer@ctism.ufsm.br

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam este universo (LÉVY, 1999-b, p.17).

Nota-se que uma das características fundamentais do ciberespaço é a redução das distâncias, pois as novas técnicas permitem a circulação instantânea de informações em nível mundial. A partir dessas características preliminares, os espaços virtuais são compreendidos como novos meios interativos, com os quais a ação educativa de forma geral, e o Ensino da História em particular, podem assumir outro patamar.

Nesta perspectiva, o presente texto pretende provocar algumas discussões a respeito do redimensionamento pedagógico do ensino da História, promovido pela utilização de ciberespaços como instrumentos didáticos. A análise terá por base a organização do Memorial Virtual do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria – CTISM, em sua primeira etapa, a de *Implantação*, disponibilizado na web a partir de abril deste ano (2012). A delimitação teórica se faz sobre os aspectos mnemônicos, individuais e/ou coletivos e sua relação com o ensino da História.

O ESPAÇO VIRTUAL DE MEMÓRIA: A reelaboração da mnemósine do CTISM

O Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (CTISM), vinculado a Universidade Federal homônima, desde a sua implantação em 1967, teve como objetivo a profissionalização técnica de nível médio de seus alunos como indica a sua denominação. Mesmo mantendo essa forma de apresentação nos seus 45 anos de atuação, a cultura pedagógica do CTISM produziu identificações diferentes, relativas a quatro fases: a primeira, a *fase de implantação*, período de 1963, quando começou a ser discutida a fundação do Colégio, até 1969, ano da formação da primeira turma; a segunda, a *fase de afirmação*, de 1970, quando o mercado de trabalho recebeu os primeiros técnicos em Mecânica e Eletrotécnica, até 1985, época do início das primeiras alterações pedagógicas e administrativas; a terceira, *fase de revisão*, de 1986 quando os efeitos da fase anterior começaram a ser sentidos, até 2005, época em que teve início a ampliação que deu origem a quarta e atual fase, a de *renovação*.

Com o objetivo de promover e divulgar uma determinada interpretação de sua história, desde o mês de abril deste ano o Colégio Técnico Industrial de Santa Maria – CTISM oferece aos internautas o seu Memorial Virtual (www.ctism.ufsm.br/Memorial). Como



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

ocorre em espaços tradicionais de lembranças, o visitante tem acesso a fotografias, depoimentos orais e reportagens de periódicos regionais que pretendem provocar a reflexão sobre a primeira fase dos 45 anos da Instituição, a de *implantação*. Porém, compreendendo a história como o processo das relações humanas, procurou-se enfatizar a ação coletiva dos agentes envolvidos, ou seja, professores, alunos e funcionários, no enfrentamento das dificuldades experimentadas naquela etapa, evidenciando as múltiplas realidades que compuseram a história da Instituição. Além dos depoimentos orais disponibilizados no Memorial Virtual, há também fotografias dos laboratórios da Instituição do período de sua *implantação*.

A imagem fotográfica, compreendida como documento, é a materialização da experiência vivida, revelando aspectos da vida de determinado grupo via apreensão de instantes do devir, isto é, do seu tempo e espaço. O memorial não pretende reviver o passado do CTISM, mas sim representar, para interpretação no presente, aspectos do seu passado. Isto decorre do fato de representação ser, segundo Chartier (1988, p. 21), o “(...) relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente, valendo aquela por este, por lhe estar conforme” A representação do passado revelada através do olhar fotográfico, traz consigo um sentido individual de escolha que o produz e coletivo, que implica o seu contexto.

Ao historiador, a fotografia lança um grande desafio: como chegar àquilo que não foi revelado pelo olhar fotográfico. Tal desafio impõe-lhe a tarefa de desvendar uma intrincada rede de significações, cujos elementos – homens e signos – interagem dialeticamente na composição da realidade. (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p.405).

Assim, à fotografia, para deixar de ser uma imagem retida no tempo, com a função única de remeter o olhar ao passado, deve ser atribuído um sentido, um significado que permita interpretar os tempos pretéritos. Se antes a imagem materializava o tempo, agora, dotada de um significado implicado em um processo histórico, transforma imagens em documentos, ao invés de monumentos. Ao contrário da imagem monumento, a fotografia será abordada como imagem documento, o que impõe ao historiador transcender os aspectos de ordem meramente descritiva e individual, pois no momento em que ele escreve, o seu escrito passa a ser documento, isto é, fonte de outra pesquisa, assim como são fontes as fotografias destituídas de sua

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

monumentalidade. O documento, como sendo um monumento, torna-se algo como que sagrado, não podendo ser reinterpretado, visto que com o sagrado não se discute. A transformação do documento-monumento em simples documento permite ao historiador trazê-lo para o mundo profano da pesquisa e rediscuti-lo a luz de novas descobertas científicas.

Nora (NORA *apud* LE GOOF, 2003) identifica as memórias coletivas como sendo “(...) o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”. A sua ideia remete-nos à importância do monumento (tido como “o que fica do passado no vivido dos grupos”) e do documento (tido como “o que os grupos fazem do passado”) para a interpretação, reinterpretação e compreensão das memórias que no presente permanecem sendo o que são pela abordagem que recebem.

Desse modo, ao mesmo tempo em que há o “resgate” da memória dos espaços físicos do colégio daquele período, forma-se, através da dialética do contraste entre o hoje e o ontem, a consciência do processo de expansão física da Instituição e da precariedade dos equipamentos para o ensino prático, quando estes existiam. Os sujeitos ao observarem os espaços antrópicos que os rodeiam, têm a possibilidade de melhor compreender as relações sócio-econômicas em seu próprio tempo e reconhecer a presença de outros tempos nos seus cotidianos.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Memorial Virtual do CTISM

[Início](#)

[Ex-diretores](#)

[Processo de instalação](#)

O **Espaço Virtual de Memória** que o Colégio Técnico Industrial de Santa Maria torna público aos internautas, apresenta-se como um dos meios de manutenção da sua memória. Através da Internet, um veículo de livre acesso e com grande capacidade de auxiliar na educação, colocamos à disposição do público um conjunto de textos, imagens e sons que narram através de notícias, fotos e depoimentos gravados a parte inicial da rica história de 45 anos de existência do CTISM.

Este Memorial integra o projeto de pesquisa **O Processo Histórico do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria** da Professora Roselene M. Gomes Pommer e se constituirá de quatro partes, cada uma delas correspondente a um momento histórico específico. Publicamos, hoje, dados informativos do primeiro período. Nos próximos cinco anos, estaremos trabalhando para que, em 2017, tenhamos registrado os 50 anos de história do CTISM.

Então, sejam bem-vindos às “nossas” primeiras lembranças!

Prof. Me. Engo. Rodrigo Cardozo Fuentes – Diretor Geral

Santa Maria, 4 de abril de 2012.

Coordenação:
Roselene Pommer

Equipe de Produção:
Bruna Lima
Cássio F. Lemos
Marcel S. Jacques



Figura 1. Memorial Virtual do CTISM

No que concerne a ideia de ensino crítico da História, não é possível a mera exposição dos fatos, sem os postulados da reflexão e da análise. É necessário que se proponham ações que instiguem o olhar crítico sobre os acontecimentos. Nesta perspectiva, a história do CTISM, na sua fase de implantação, foi abordada como processo, no qual seus agentes históricos e seu contexto de inserção, foram fatores determinantes da sua trajetória.

Como narrativa do que é, o que não significa a subtração de seu compromisso com a verdade, a História tem feito uso da memória como subsídio de formatação cultural e de legitimação de um determinado discurso. Porém, a construção da memória coletiva se dá a partir da interferência de grupos socialmente dominantes, através da sua ação sobre os mecanismos de configuração ideológica. O papel do historiador, conseqüentemente,

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

é o de questionador e de problematizador, interpretando e reelaborando as memórias individuais e coletivas. Isso decorre do fato de as

estruturas de poder de uma sociedade [compreenderem] o poder das categorias dominantes ao deixarem (...) testemunhos suscetíveis de orientar a história num ou noutro sentido; o poder sobre a memória futura, o poder da perpetuação, deve ser reconhecido e desmontado pelo historiador (LE GOFF, 2003, p. 110).

Assim, através da proposta de organização de um espaço virtual de memória, pretende-se superar um ensino “que preenche as tábulas rasas”, superar um saber enciclopédico livre de qualquer crítica sociopolítica. A história não se reduz a uma periodização temporal, da qual emergem “homens de grandes feitos”. É antes, um processo, e como tal, produto de múltiplos agentes.

É preciso superar a fratura que existe, na atualidade, entre memória do passado que os homens constroem para organizar suas vidas – estabelecendo pontes a partir da memória pessoal e familiar em direção a um passado mais amplo, construindo com experiências, recordações de pessoas de outras gerações, leituras de imagens recebidas dos meios de comunicação, etc. – e a história ensinada nas escolas (FONTANA, 2004, p. 473).

Diante do exposto, a história é o relato crítico daquilo que aconteceu ou acontece e não a mera memorização dos documentos para transformá-los em monumentos, como simples decalque do passado. Entretanto, a história como representação metódica do passado, permite o diálogo da memória presente com o seu passado. Nunca é a réplica fiel do passado, pois o seu referencial, o documento, aqui tomado pelos depoimentos orais, fotografias e reportagens de periódicos que integram o acervo do Memorial Virtual do CTISM, enquanto vestígio da historicidade, “(...) está imerso no presente ao mesmo tempo [em] que é o suporte de uma significação que já não está lá” (LE GOFF, 2003).

Essa reelaboração do passado pode ser percebida através dos fragmentos de relatos como:

“...eu digo às vezes pro pessoal, vocês hoje vivem num céu aberto, porque nós, quando começamos aqui nós não tínhamos nem mimiógrafo à álcool, a tinta nem se falava, a gente fazia tudo, com outras técnicas a gente ia fazendo, imprimindo e fazendo coisas. Depois de muitos anos foi comprado um mimiógrafo à álcool.” (...)“...na questão de materiais do colégio,



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

não havia nada. Nada, nada, nada. As máquinas, nós tínhamos no laboratório meia dúzia de máquinas. Não tinha muitas máquinas e não tinha material, e pra dar aula, pra poder fazer alguma coisa com os alunos, para eles poderem aprender, nós tínhamos que sair do colégio. (...) O professor de automóvel levava o pessoal para as retíficas para dar aula. Então o colégio era pobre. Pobre, pobre mesmo.” (VIZZOTO, 2011)

As memórias expressas nos fragmentos dos depoimentos representam indicativos da função que o ensino profissionalizante e, posteriormente técnico, assumiu desde a sua implantação, durante a República Velha com a criação dos primeiros Liceus de Artes e Ofícios em 1909.

“... se começou com pobreza, como pobre, mas rico em idéias e que realmente havia um futuro promissor nessa escola, como hoje em dia ninguém mais nega. O Colégio Industrial hoje em dia é uma referência nacional, os nossos alunos que saíram de lá, estavam todos colocados onde trabalhar, todos que não quisessem fazer vestibular já estavam colocados em Caxias, Porto Alegre, em Curitiba.” (DAL LAGO, 2010)

Desde a época da fundação das primeiras Escolas Técnicas, a Educação profissional não só manteve como também legitimou a dicotomia herdada do período escravista, ou seja, reservava para a aristocracia o ensino voltado para o pensar e, para os “desvalidos da sorte”, se comprometia com a preparação para o saber fazer. Pois no contexto político nacional da ditadura civil-militar do final da década de sessenta, a instalação do CTISM (1967) como unidade vinculada à UFSM, reafirmou essa lógica.

“A oferta material da escola realmente era bastante carente. Para que pudéssemos realizar as aulas práticas de instalações do primeiro ano, o ferramental era adquirido pelo aluno (...) a escola começou com muita carência, com muita carência de pessoal qualificado para as áreas, muita carência de material necessário para atender as necessidades do curso, principalmente o de Eletro, de Mecânica também (...).” (SILVA, 2010)

Dessa forma é possível compreender que a precariedade da infraestrutura de ensino/aprendizagem oferecida pela escola era consequência de sua inserção em um espaço universitário que reservava o ensino superior e toda sua estrutura, àqueles oriundos dos grupos social e economicamente dominantes, ao passo que, aos “filhos dos outros”, excluídos do acesso ao ensino superior pela necessidade de compor,

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

prematuramente a força de trabalho do país, a alternativa era o ingresso no ensino técnico.

Com isso, na Universidade Federal de Santa Maria, ao implantar-se um espaço de formação técnica de nível médio, em um universo de formação acadêmica, materializou-se a polarização entre uma racionalidade prático/operativa e uma racionalidade crítico/reflexiva.

Tendo em vista essa questão, a importância do Memorial Virtual para a comunidade educativa do CTISM reside na possibilidade de o mesmo estimular a produção de representações acerca do passado da Instituição. Essas representações são importantes, pois, através delas os indivíduos classificam as coisas de seu mundo, atribuindo-lhe sentido e existindo enquanto grupo. Cada geração, inserida no contexto político-ideológico de seu tempo, vasculha o passado na busca de modelos. Isto é, cada geração busca escolher o que lhe é mais pertinente, reconstruindo, no presente, as referências que tem como passadas e que melhor respondam aos interesses e necessidades de sua época, porque, como afirma Ricouer “o presente não se reduz a um instante pontual, mas comporta uma intencionalidade longitudinal que garante a continuidade mesma da duração e preserva o Mesmo no Outro”.

Conclusão

O contato com as realidades que permearam a história do CTISM pressupõe, atualmente, uma reelaboração mnemônica mais dinâmica e rápida. A memória, que anteriormente a revolução da área de telecomunicações era controlada mais facilmente pelo espaço particular, agora, com rapidez transcende este domínio e, através da veiculação virtual, torna-se pública.

O ensino de caráter crítico imprescindível para a formação cidadã integral deve ser estimulado a partir do contato com as várias histórias, de modo que a ontocrítica permita um saber mais consciente, afinal:

Não nos temos atrevido a ser , em praça pública, a voz que clama no deserto ... Temos preferido encerrar-mos na quietude dos escritórios... À grande maioria não resta mais do que direito de

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

dizer que fomos bons operários. Mas fomos também bons cidadãos? (BLOCH apud FONTANA, 2004)

Dessa forma, as memórias veiculadas no acervo do memorial denunciam as dificuldades vivenciadas na fase de *implantação* da Instituição e, a necessidade de um esforço coletivo para a superação das mesmas. Outrossim, servem para desconstruir o ideário coletivo em torno da implantação do Colégio dado pela particularização do esforço de um só.

A questão se faz importante para o Ensino da História ao inserir a temática, em uma realidade concreta, povoada de obstáculos, privações e problemas de toda a ordem, decorridos do contexto histórico nacional que orientou, politicamente, a implantação de uma escola de formação técnica de nível médio, correspondente ao auge da ditadura civil-militar pós 1964.

O Memorial Virtual do CTISM encontra-se atualmente em processo de reorganização, pretendendo promover o registro e, desta forma, a manutenção das lembranças de parte de sua história. Em 2017, quando a Instituição completar 50 anos, pretende-se, através da análise de todo este processo, tê-lo concluído, tornando possível aos internautas, acessar uma maior parte das “nossas” lembranças.

Referências

- BLOCH, M. *apud* FONTANA, J. **A história dos homens**. São Paulo, EDUSC, 2004, 471 p.
- CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. **Domínios da História**. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1997, 405 p.
- CHARTIER, R. **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand, 1988, 21 p.
- DAL LAGO, O. Depoimento Oral concedido em 21/06/2010.
- FONTANA, J. **A história dos homens**. São Paulo, EDUSC, 2004, 473 p.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo, Unicamp, 2003, 110 p.
- LÉVY, P. **Cibercultura**, São Paulo, Editora 34, 1996-b, 17 p.
- NORA, P. *apud* LE GOFF, J., **História e Memória**. Campinas, Ed. Unicamp, 2003, 407 p.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

RICOEUR, Paul. Apud DOSSE, François. **A História à Prova do Tempo**. São Paulo, Ed. UNESP, 1999.

SILVA, Z.G. Depoimento Oral concedido em 11/05/2010

VIZZOTO, J. P. Depoimento Oral concedido em 31/05/2011.